



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

## A PERSISTÊNCIA DO "HOMEM BOM" NA POLÍTICA BRASILEIRA

Samuel Ponsoni

[sponsoni@yahoo.com](mailto:sponsoni@yahoo.com)

Professor Doutor Designado da Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG/Passos. Pós-Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSCar. Bolsista PNPd/CAPES.  
Brasil.

Frederico Daia Firmiano

[fredericodaia@hotmail.com](mailto:fredericodaia@hotmail.com)

Professor Doutor Designado da Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG/Passos. Pós-Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Unesp/Franca. Bolsista PNPd/CAPES.  
Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

A conflagração da operação “Lava Jato” no Brasil, ainda em curso, que investiga o esquema de corrupção na Petrobrás, alçou um juiz de primeira instância, Sérgio Moro, à condição pública de “homem bom”, por sua atuação (bastante questionável) no processo de indiciamento de políticos e servidores públicos de distintos escalões. Vale dizer que este processo contribuiu decisivamente para a deposição do governo de Dilma Rousseff. A espetacularização midiática deste processo vem construindo em torno de Sérgio Moro um ícone do “homem bom”, que encontra eco em setores populares e de classe média muito conservadores da sociedade brasileira. Figura recorrente na história política nacional, o “homem bom” reunia todas as condições de possibilidade para ingressar na vida política, sobretudo no tempo de Brasil colônia. Deveria ser um sujeito branco, católico, proprietário, casado e no exercício de atividades do intelecto. É desta perspectiva que este trabalho visa a perscrutar, sob as bases teóricas dos estudos do discurso, da comunicação e da sociologia política, as possibilidades aventadas social e midiaticamente sob a imagem discursiva do juiz Sérgio Moro que, no imaginário político, estaria sob os auspícios das condições de um “homem bom”. Esses dados midiáticos, que o alçam como possível candidato à presidência da República, serão interpretados a partir das dimensões de o que se dá a mostrar e o que se dá a ver nos discursos, compressões que se coadunam no *ethos* discursivo e na cenografia dos dizeres acerca dos sujeitos políticos. A noção-conceito de *ethos* discursivo traz há bastante tempo produtivas pesquisas para os domínios epistemológicos que lidam com análises discursivas e comunicacionais. No entanto, acreditamos que no espaço de comunicação e sociologia política ainda é possível trazer mais contribuições teórico-analíticas não só pela prova do *ethos* discursivo, mas sim trazendo ao escrutínio objetos políticos por maneiras enunciativas correlatas, como a noção de cenografia, conceito advindo das pesquisas em análise do discurso de base enunciativa, bem como a persistência na história política brasileira do *condottiere* maquiavélico, substituto do intelectual orgânico coletivo gramsciano, sobretudo em contextos de grave crise política. Buscamos apresentar, assim, expedientes linguísticos e discursivos que demonstram como discursos se materializaram e reforçam a figura pública do indivíduo. Mais ainda, como essas interpretações legitimam também a composição de estereótipos que, em última instância, sustentam imagens discursivas que sujeitos políticos atribuem a si e a outros, construindo, dialeticamente, os discursos para uma conjuntura histórico-social em questão. Esses elementos teóricos, circundantes à figura de Sérgio Moro, o “homem bom”, compõem o conjunto de formas de adesão de interlocutores a um discurso almejado pelos textos políticos. Dessa forma, tentar responder a essas questões e hipóteses se faz o objetivo principal deste trabalho.

**Palavras-chave:** Ethos discursivo; homem bom; comunicação político-discursiva

### ABSTRACT

The conflagration of the "Car Wash" operation in Brazil, still in progress, which investigates the corruption scheme in Petrobrás, raised a judge of first instance, Sergio Moro, to the public condition of "good man", for his performance (quite questionable) in the process of charging politicians and civil servants of different levels. It's needed to say that this process has contributed decisively for Dilma Rousseff's deposition. The media spectacularization of this process has been building around



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Sérgio Moro an icon of the "good man", who finds echo in very conservative popular and middle class sectors of Brazilian society. Recurring figure in national political history, the "good man" met all the conditions of possibility to enter political life, especially when Brazil was still a colony. It should be a catholic married white man with properties and intellectually active. It is from this perspective that this work aims to exam, under the theoretical bases of the discourse studies, communication and political sociology, the possibilities raised social and mediatically under the discursive image of Judge Sérgio Moro who, in the political imaginary, would be under care of the conditions of a "good man", even if conjunctural. These mediatic data, which raise him as a possible candidate for the presidency of the Republic, will be interpreted from the dimensions of what is shown and what is seen in the speeches, understandings that are consistent with the discursive ethos and the set of sayings about the political subjects. The concept of discourse ethos brings productive researches to the epistemological domains that deal with discourse analysis and communicative. However, we believe that in the space of communication and political sociology it is still possible to bring more theoretical-analytical contributions not only by the proof of the discursive ethos but by bringing to the scrutiny political objects by related enunciative ways, such as the notion of scenography, researches in the analysis of enunciative discourse, as well as the persistence in the Brazilian political history of the Machiavellian condottiere, substitute of Gramscian collective organic intellectual, especially in contexts of serious political crisis. We seek to present, thus, linguistic and discursive expedients that demonstrate how discourses materialized and reinforce the public figure of the individual. Moreover, as these interpretations also legitimize the composition of stereotypes that ultimately support discursive images that political subjects attribute to themselves and others, constructing, dialectically, discourses for a historical-social conjuncture in question. These theoretical elements, surrounding the figure of Sergio Moro, the "good man", make up the set of forms of interlocutors adherence to a discourse longed for political texts. In this way, trying to answer these questions and hypotheses is the main objective of this work.

**Keywords:** discursive ethos; good man; political-discursive communication



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

## **I. Primeiras palavras: introdução**

Em sua mais importante obra, Raymundo Faoro traz uma discussão acerca da formação do patronato político nacional, ou acerca d' *Os donos do poder*. Sua polêmica interpretação das origens e do desenvolvimento do Estado data de 1958, ganhando corpo e ampla repercussão a partir da edição de 1975. Com suas origens no modelo reproduzido no Brasil Colônia, ainda sob a dominância portuguesa, constituir-se-ia o Estado brasileiro sob uma estrutura estamental-patrimonialista que sufoca o desenvolvimento político autônomo da nação.

As categorias estamento/patrimonialismo – extraídas de uma interpretação singular de Max Weber, para dizer o mínimo<sup>1</sup> – vêm à cena num ambiente de intenso debate acerca da natureza da formação econômico-social brasileira e da polêmica entre, de um lado, os defensores da prevalência dos “restos feudais” e, de outro, as análises acerca de sua constituição própria e particularmente capitalista<sup>2</sup>. Inegavelmente, conforme afirmara Schwartzman (2003), abriram caminhos para a pesquisa no sentido das transformações da tradição patrimonial-burocrática portuguesa e sua capilarização na formação brasileira.

No entanto, entre várias reflexões no bojo da compreensão acerca do patrimonialismo de Faoro (2001), uma nos interessa para a pena deste artigo: a figura do homem bom na vida sócio-política nacional. Pela descrição-interpretação deste autor brasileiro,

"O vocábulo *homens-bons (boni-homines)*, que, tratando das classes não nobres, é aplicado em especial a todos herdutores (indivíduos não nobres que possuem hereditariamente a propriedade livre), como a mais autorizada entre elas, encontrar-se-á em certos monumentos, principalmente em atos judiciais, qualificando os indivíduos mais respeitáveis das classes nobres e privilegiadas." (Alexandre Herculano.) Os homens bons e as pessoas do povo que podiam votar, eram pelos corregedores ou juizes a quem incumbia

---

<sup>1</sup> Conforme anotou o próprio autor, no prefácio da edição de 1975, "... este livro não segue, apesar de seu próximo parentesco, a linha de pensamento de Max Weber. Não raro, as sugestões weberianas seguem em outro rumo, com novo conteúdo e diverso colorido" (FAORO, 1975, prefácio a segunda edição).

<sup>2</sup> À título de exemplo, a famosa polêmica pecebista das décadas de 1950 e início de 1960, acerca da prevalência de “restos feudais” no Brasil, encontrou eco, entre tantos autores, em Alberto Passos Guimarães e Ignácio Rangel e seria fortemente combatida, entre outros, por Caio Prado Jr., que defendeu a tese de uma constituição capitalista da formação social brasileira, como resultado da expansão do capital mercantil. (Cf. PRADO JR., 1979).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

presidir as eleições, qualificados em cadernos, onde se escreviam os seus nomes com todas as individuações necessárias para verificar-se a idoneidade, exigidas pelas leis, forais e costumes." (Alv. de 12 de novembro de 1611.)

O homem bom se distinguia do povo, "... que elege e delibera, na tensão permanente e subterrânea entre sociedade e governo, [e] restringe-se legalmente e sobre severa limitação nas suas expansões" (FAORO, 2001,p.217). A alienação das funções políticas internas ao "povo" – esse todo abstrato que, na realização da vida política reduzia-se a um conjunto de indivíduos dotados de capacidades legítimas para conduzir e votar no pleito eleitoral – era, assim, assumida, no outro pólo, por estas figuras diretivas, homens bons, que compunham os colégios eleitorais nas mais distintas funções. Tratava-se de sujeitos idôneos, mas antes, proprietários.

Já na própria constituição da identificação do sujeito considerado bom para compor as câmaras municipais, bem como votar para tais, o perfil altamente sectário e excludente do imaginário e da materialidade dos caracteres dos sujeitos elencados para esse feito ligado, sobretudo, à ocupação, exploração e organização das colônias.

De maneira geral, o que se observa pela citação da obra de Faoro (2001) é que, desde as remotas formações das Câmaras municipais do Brasil Colônia, há um certo perfil privilegiado de pessoas a ocuparem os cargos públicos, cargos estes que, até mesmo pela perspectiva patrimonialista, inclusive de Faoro, estão ligados às estruturas de produção do Estado que, na sua fórmula liberal, capta seus recursos da "sociedade" e seus múltiplos meios de produção, e destina, em teoria, por meio de políticas ou projetos, programas, benefícios, serviços, entre outros recursos, de volta a sociedade. Entretanto, com o alijamento de determinadas classes, essas políticas de distribuição e redistribuição de bens e serviços seguem certos interesses sectários das próprias classes que se apropriam do direito de pertencer ao poder do Estado: os donos do poder.

*Mutatis Mutandis*, nosso objetivo neste texto é compreender teórica e metodologicamente se é possível observar a presença desta figura política nas conjunturas políticas e sociais brasileiras da atualidade, à despeito das profundas transformações sócio-econômicas e político-culturais que separam o período histórico interpretado por Raimundo Faoro da atualidade.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Mais especificamente, tomaremos como referência de análise o caso do magistrado Sérgio Moro<sup>3</sup> que, a partir da conflagração da operação “Lava Jato”, foi alçado à condição pública de “homem bom”, por sua atuação (questionável, inclusive no mundo jurídico) no processo de indiciamento de políticos e servidores públicos de distintos escalões<sup>4</sup>.

Com efeito, a espetacularização midiática dada neste processo vem construindo em torno de Moro um ícone do “homem bom”, que encontra eco em setores populares e, sobretudo, junto à classe média – não a “nova classe média” produzida pelos melhores anos do “neodesenvolvimentismo petista”<sup>5</sup> – e muitos outros seguimentos conservadores da sociedade

Figura recorrente na história política nacional, o “homem bom” deve reunir todas as condições de possibilidade para ingressar na vida política, principalmente a partir da constituição das Câmaras Municipais no tempo de Brasil colônia. Esse “homem” deveria ser um sujeito branco, católico, proprietário, casado e no exercício de atividades do intelecto. Sendo assim, é desta perspectiva que este trabalho visa a perscrutar, sob as bases teóricas dos estudos do discurso e da sociologia política, as possibilidades aventadas social e midiaticamente sob a imagem discursiva do juiz Sérgio Moro que, no imaginário político, estaria sob os auspícios das condições de um “homem bom”, podendo, assim, concorrer a cargos políticos mais representativos da nação, com direito a portal na internet<sup>6</sup> e alta popularidade, sobretudo depois do golpe contra Dilma Rousseff, conforme mostrou a consultoria Ipsos Public Affairs<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> Juiz titular de primeira instância da 14ª Vara de Justiça Federal de Curitiba, Sérgio Moro vem ao longo dos últimos três amalhando distintas – e por vezes contraditórias – compreensões acerca de sua pessoa e seu trabalho. No entanto, a respeito especificamente de sua projeção social como sujeito apto a ser eleito presidente da nação há uma série de pesquisas consultivas ao eleitorado, feita por inúmeros institutos de pesquisa, assim como por dezenas de fãs nas redes sociais, como, por exemplo, uma página de seguidores intitulada #<http://www.moropresidente.com.br/>.

<sup>4</sup> Vale dizer que este processo contribuiu decisivamente para a deposição do governo de Dilma Rousseff.

<sup>5</sup> Para uma crítica ao ideologicamente difundido conceito de “nova classe média”, que se refere a ampliação da capacidade de consumo das funcionalmente chamadas “classe C e D” no Brasil, Ver POCHMANN, 2012.

<sup>6</sup> Veja-se, por exemplo, a página “Dr. Moro para Presidente”, cujo objetivo declarado é “... lançar a ideia para a população brasileira que está na hora de elegermos um herói nacional”. Aparentemente “apartidária”, a campanha tem por fundamento “...dar um basta as opções viciadas que os partidos políticos nos oferecem”. ([www.moropresidente.com.br](http://www.moropresidente.com.br)).

<sup>7</sup> Em pesquisa de opinião realizada no início de fevereiro de 2017 em todas as regiões do país, com 1200 pessoas, acerca de 20 personalidades do mundo político e jurídico, apenas Sérgio Moro recebeu a aprovação de 65% dos entrevistados. Em declaração a BBC, o diretor da Ipsos Public Affairs, Danilo Cersosimo afirmou que Moro seria um forte candidato em 2018. Ver “Desde impeachment, popularidade de Moro dispara e rejeição a político sobe, diz pesquisa”. BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39075521>. Acesso em 02 Set 2017.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Esses dados midiáticos, que o alçam como possível candidato à presidência da República, serão interpretados a partir das dimensões de o que se dá a mostrar e o que se dá a ver nos discursos, compreensões que se coadunam no *ethos* discursivo e na cenografia dos dizeres acerca dos sujeitos políticos, bem como a persistência na história política brasileira do *condottiere* maquiavélico, ainda que na sua versão tupiniquim, sobretudo em contextos de grave crise política.

Buscamos, portanto, apresentar e compreender analiticamente elementos discursivos que demonstram como discursos se materializaram e reforçam a figura pública do sujeito. Mais ainda, como essas interpretações legitimam também a composição de estereótipos de protagonistas e antagonistas que, em última instância, sustentam imagens discursivas que sujeitos políticos atribuem a si e a outros, construindo, dialeticamente, os discursos para uma conjuntura histórico-social em questão.

## **II. Alçados a condição de homem bom**

Talvez o primeiro o sujeito de posição e condição jurídica e social a ser alçado a uma condição de possibilidade de homem bom tenha sido o ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa. Imbuído à encenação de inquisidor-justiceiro pela Ação Penal 470, conhecida como “Mensalão”, Barbosa, na condição de relator, foi às máximas hermenêuticas das doutrinas jurídicas para fazer uso do direito – inclusive trazendo uma doutrina de Claus Roxin<sup>8</sup>, a teoria do Domínio de Fato – e incluir os principais réus do processo, mesmo que, a rigor, a eles não fossem atribuídas nenhuma assinatura, documento, entre outros. Entretanto, assim passarem à narrativa de julgados, implicados pelo fato de serem os responsáveis em chefe das estruturas organizativas.

Depois do julgamento, ocorrido nos anos de 2012/2013, Barbosa foi lançado a um protagonismo midiático e, em várias pesquisas de intenção de voto para presidente, nas eleições de

---

<sup>8</sup> E criticada pelo próprio Roxin dado ao seu uso, segundo este teórico alemão, distorcido. Disponível: <<http://www.conjur.com.br/2014-set-01/claus-roxin-critica-aplicacao-atual-teoria-dominio-fato>>. Acesso em 15/8/2017.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

2014<sup>9</sup>, inclusive, foi colocado como potencial bom candidato, um homem bom, que supostamente reuniria todas as condições de ser um governante e líder nacional, tal qual um herói de novela.

Joaquim Barbosa, implacável em suas asserções jurídicas e severo julgador como relator, protagonizando midiaticamente antagonismos fortes com seu revisor de processo, Ricardo Lewandowski, o seu anti-ethos de homem bom naquela, teve certa ascendência, sendo bem lembrado e bem cotado nas pesquisas de pleito eleitoral.

Entretanto, o relator do mensalão padecia de algumas "qualidades" para homem bom. Não vem de uma origem em que o fez nascer salvo material e simbolicamente, ou seja, nasceu pobre, brigou para lascar o naco da classe já salva desde sempre. Além disso, suas posições teóricas na militância jurídica – como, por exemplo, ser a favor de ações afirmativas, como as cotas raciais – na vida pregressa ao STF, associadas a suas críticas na vida posterior ao STF acerca dos bandidos políticos de estimação da classe média brasileira e ao próprio judiciário, inclusive críticas contra o próprio juiz Moro e ao MPF e lava-jateiros, o fizeram perder o adjetivo de "bom" para essa turba.

É bom lembrar também que desde as remotas formações do estereótipo de homem bom, no Brasil-colônia, aquele que não fosse branco puro, ou tivesse sangue limpo, tal qual os indivíduos indígenas, escravos ou ex-escravos, reduzidos à condição de peça, não podiam ser herdeiros ou proprietários, logo, tinham cassada, de início, sua candidatura a homem bom – diferente de um branco despossuído pelo *morgadio*, por exemplo, que não era impedido de abrir sua própria posse e obter uma sesmaria.

É certo que também por falta da “pureza de sangue”, evidentemente sob o prisma ideoracista que persiste fortemente no Brasil, impediu Joaquim Barbosa de completar os atributos para alçar-se a homem bom. Ou, na melhor das hipóteses, o fez cadente no alinhamento ideológico e social a possível candidato bom, o homem a ser a um só golpe moralista e inquisidor, gestor e figura pública, orgulho para nação e temível aos malfeitores; herói nacional, temas esses muito prolíficos nas classes médias-altas brasileiras.

---

<sup>9</sup> Joaquim Barbosa se aposenta do STF logo após o encerramento do processo mensalão, no final de 2013. Este aumentou ainda mais especulações em torno de seu nome a presidente ou, ainda, em alguma coligação, cargos ministeriais etc., das candidaturas postulantes, como, por exemplo no PSB de Eduardo Campos e Marina Silva ou, ainda, ministro da justiça no possível governo psdbista de Aécio Neves.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Dessa forma, quem parece encarnar todas as possibilidades é o juiz biônico – dada a sua ultra-alçada jurídica – Sérgio Moro. Este juiz é retratado como bastante “discreto” e “inflexível” na defesa dos “princípios”: um verdadeiro homem-bom, desde a sua origem até as suas ações.

Sob diversas formas, *ethos* - a imagem de si a se mostrar no discurso - de nosso homem bom encontra eco até mesmo na fórmula maquiavélica, a qual possuía qualidades morais como a honestidade, o senso de justiça, a piedade e a retidão do caráter. Não deixa de sintetizar, também, as virtudes do “bom cidadão”, dotado de virtude cívica e coragem para defender o Estado: “prefere poucas causas, mas as boas causas” ; de vida simples, ativa e produtiva, que repugna o ócio: nosso homem é “trabalhador” e produtivo, mas o trabalho intelectual; é religioso, no sentido de temer a Deus, segundo relatos Moro mantém um grupo de estudos religiosos junto a um grupo fechado de magistrados (OLIVEIRA, 2016, não paginado); e imbuído em respeitar os preceitos legais como se fossem preceitos divinos – “inflexível na defesa dos princípios”.

### **III. Da questão do *ethos* discursivo e o conceito de cenografia**

Em recentes artigos publicados sobre a noção-conceito de *ethos*, Dominique Maingueneau<sup>10</sup>, um dos pioneiros a utilizar tal categoria analítica dentro dos estudos discursivos, trata de definir, de partida, *ethos* como um articulador. O teórico francês chega à questão, destrinchando, teórica e analiticamente, o porquê o *ethos*, de um lado, se faz um articulador entre discursos e cultura, por meio da qual é possível que haja um texto em constituição; portanto, em primeira instância não se pode separar *ethos* de sua cena de validação histórica, ou seja, daquilo que lhe dá sentido.

De outro lado, o próprio problema do *ethos* é visto como um programa de trabalho, não uma teoria completa que visa apenas especificar os detalhes para ilustrar e ilustrar-se. Assim, duas avenidas podem e devem ser exploradas: em particular, deve ser: 1) analisar o *ethos* em categorias mais finas, de modo a não misturar as características de diferentes ordens (ideológica, legal,

---

<sup>10</sup> L'èthos : un articulateur. In: *Revue Contextes*, 2013; Retorno crítico sobre o ethos. In: Roberto Leiser Baronas, Paula Camila Mesti e Renata de Oliveira Carreon (Orgs.) *Análise do Discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

psicológico, somático ...), mesmo se eles estão estreitamente relacionados; 2) áreas modelo de mudança no *ethos* com base na diversidade de gêneros e tipos de discurso.

É desta perspectiva dois, portanto, que partimos, uma vez que é a relação do *ethos* discursivo imbricadamente ligada à sua dimensão textual: a cenografia. Destacamos, com efeito, este conceito de *ethos* para os estudos discursivos, no qual ele é em última instância uma das dimensões da cenografia, portanto um conceito sujeito a coerções semelhantes às que respondem ao plano enunciativo do discurso como um todo.

Nesses termos de referência, há, sem dúvida, um “como” para os sujeitos se inscreverem a uma enunciação discursiva, para sentirem uma vocação de identificação com esta ou aquela cenografia de um discurso, para corporificarem um enunciador, dar-lhe traços característicos que os fariam identificar-se com este sujeito locutor, um fiador de um mundo possível. Essa eficácia está, em primeira instância, aparentemente ligada ao “o quê” de um discurso, a expressão de seu conteúdo. Isso em muitas medidas é válido, mas, ainda na esteira da formulação teórica de Maingueneau para os estudos do *ethos* no discurso, é possível apreender que o *ethos* não se constrói apenas no polo do enunciador, e sim em sua condição de possibilidade receptiva, projetada nas imagens discursivas construídas.

Por isso mesmo, a articulação com a concepção de cenografia se faz necessária, a qual, por sua vez, define as condições de um sujeito-enunciador, de um sujeito coenunciador.

A noção de cenografia articula ao mesmo tempo o quadro cênico (tipo de discurso e gênero) e o processo, ou seja, a própria forma como se desenvolve a trama da narrativa social em cima do *ethos* do sujeito fiador de mundos. Ou seja, é algo (im)posto por coerções específicas da cena englobante (tipos de discurso) e da cena genérica (o gênero em si, no qual o discurso se projeta), porém é um dado que vai se construído, ajudando, com isso, a manter o quadro cênico.

(...) um processo de *enlaçamento paradoxal* (...) Desde sua emergência, a palavra supõe uma certa situação de enunciação, a qual, com efeito, é validada progressivamente por meio dessa mesma enunciação. Assim, a cenografia é, ao mesmo tempo, *origem e produto do discurso*. (MAINGUENEAU, 2006, p. 114 grifos do autor)



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Dessa maneira de compreender o fenômeno Moro, como um homem bom, trazemos um *corpus* para análise, chamemos de *Corpus-1*, bastante interessante e que parece sintetizar as questões em uma entrevista de Danilo Cersosimo, diretor na Ipsos Public Affairs e responsável pela pesquisa trazida na nota de rodapé número 8, dada ao portal Terra<sup>11</sup> em fevereiro de 2017, comentando justamente o índice Moro de aprovação nacional. Vejamos as palavras do diretor:

Em um ano, o desconhecimento sobre Moro caiu fortemente, para 9%, enquanto sua rejeição recuou para 26%. "Moro era muito desconhecido no início da pesquisa, mas a força que a Lava Jato ganhou e a presença desse nome na mídia converteu esse conhecimento em aprovação. Ele é o símbolo hoje do combate a tudo aquilo que o brasileiro julga que está errado na política e na gestão pública", observa Danilo Cersosimo, diretor na Ipsos Public Affairs e responsável pela pesquisa. Embora a atuação de Moro não seja consenso no meio jurídico, isso não chega ao grande público, ressalta Cersosimo. "O grande público não entende as controvérsias do mundo jurídico. Para a população é muito simples: a Lava Jato tem um simbolismo muito forte do ponto de vista de passar o país a limpo, e o Moro está totalmente associado à operação", ressalta.

Como podemos observar pelas palavras do diretor da pesquisa, a imagem de Moro, construída no *ethos* de si e também pela cenografia das narrativas midiáticas, assim como as próprias pesquisas, tal como essa, é de bastante aprovação e pouca reprovação. Não há, na recepção da imagem de Moro, a contradição de ele não ser uma figura política, isto é, o sujeito político Moro passa a fazer sentido enquanto imagem discursiva projetada na cenografia das pesquisas de opinião e nas notícias que dão conta de sua dura atuação. A articulação entre Moro, a imagem discursiva de um juiz severo, sério, combatente das mazelas corruptivas do país, e o possível homem bom a ser presidente, líder da nação, herói salvador, ou seja, aquele que reúne todas as condições de governar, como ressaltamos no item 2 deste artigo, está feita na cenografia do gênero pesquisa de opinião que a todo instante coloca à prova esse *ethos* de homem bom, instando a população a reconhecer nesse sujeito o homem certo, bom a ser o chefe máximo da nação, não necessariamente por suas

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/desde-impeachment-popularidade-de-moro-dispara-e-rejeicao-a-politicos-sobe-dizesquisa,b409a9df827babf43ae016b1b8eba0d6n9e1ss7t.html>>. Acesso em 10/9/2017



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

qualidades e habilidades político-gestora, algo difícil de mensurar, dado que Moro em si nunca possuiu qualquer tipo de cargo de gestão política, ao menos até onde se sabe, mas por seus caracteres de homem sério, combativo, rígido com os que devem receber a inquisição de sua mão pesada, sua mão de Torquemada, branco, católico, formado, pós-graduado, de posição e condição de classe de Juiz que luta pelo lado certo da história.

Algo confirmado nas palavras de Cersosimo "Ele é o símbolo hoje do combate a tudo aquilo que o brasileiro julga que está errado na política e na gestão pública". Mesmo sem o ser exatamente isso, a imagem de si construída, tanto da parte conjuntural do juiz, quanto pela referência histórica ao estereótipo de homem certo, de homem bom, ungido de uma força materialmente e espiritual histórica a cumprir um dado papel redentor, ou até mesmo pelas construções descritivo-linguísticas dadas nas pesquisas midiáticas, a perguntar da preferência, do homem certo, do conhecimento acerca das personagens políticas, geralmente em possibilidade de alçar aos pleitos públicos.

Além disso, boa parte da construção desse *ethos* vem do antagonismo aos adversários corretos. Aqui chamamos a atenção que, mesmo para os fiadores de mundos ideias, ética e moralmente, no caso Moro, um fiador desse mundo possível de honestidade e retidão moral e de caráter, o homem certo, bom a fazer o melhor por todos, combativo, não se constrói sem a figura de um anti-fiador, de um anti-*ethos* de tudo a não ser seguido e admitido por um grupo de sujeitos em uma dada condição histórica de produção dos discursos. Lá atrás, Joaquim Barbosa antagonizava com Lewandowski, além desse discurso-outra sempre pronto a ser usado na virtualidade do imaginário social, i.e., o homem de caráter irretocável, combativo, bom a ser líder-herói. No entanto, Lewandowski parece não ser o adversário mais correto, o melhor, algo que também concorre para o viés de baixa de Barbosa, como argumentamos no item 2 deste mesmo artigo.

Nesse sentido, a figura claramente antagonista por um anti-*ethos* e anti-fiador corretos trata-se do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, sujeito a ser rivalizado. E não poderia haver figura melhor para a projeção do homem e do *ethos* de nosso homem bom, como eleger "o presidente mais popular da história do Brasil" como seu anti-*ethos*.

Ainda na argumentação de Maingueneau (2006), para se verificar a qualidade e a eficácia do *ethos* de um enunciador em si, quando progressivamente desenvolvido pela cenografia da



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

enunciação, conforme suas evocações, não é possível deixar de suscitar um modo de apreensão dos seus coenunciadores, que estão sendo interpelados a aderir àquele mundo de posicionamentos, bem como de um anti-*ethos* que seria, na realidade, o que se mostra e/ou não mostra como o não objeto a ser incorporado do discurso, algo da ordem do silenciado.

Com essa ordem de elementos não ditos, a que a teorização discursiva do *ethos* conclama como anti-*ethos*, há correlativamente a figura do anti-fidador, que seria a construção de uma imagem estereotipada daquele em que não se deve apoiar nem se deve seguir para a incorporação e adesão dos discursos. Entretanto, esses elementos que autores ligados a determinadas formações discursivas utilizam não recobrem sozinhos toda a grade semântica em que os sujeitos-leitores, coenunciadores de uma enunciação discursiva, são levados a se inscrever.

Nesse sentido, tudo o que a classe média-alta entende e compreende como algo próprio e constitutivo de representá-la é aquilo que caminha e não conjuga a todas as práticas e as imagens discursivas de Lula, aquele que não vem da condição de classe daqueles que nascem salvos no Brasil e aquele que representa nos estereótipos e discursos pré-construídos, e sempre reforçados nas narrativas midiáticas, os antagonismos perfeitos com figuras do tipo Moro. O antagonismo daquilo que não é um homem bom para a política ou um líder-herói para guiar essa classe de bem nascidos. O aspecto interessante é que o *lulismo* despontou como um fenômeno que, sem surpresas, atendeu às necessidades do capital sob crise estrutural, aprofundou o desmantelamento dos direitos sociais e, até certa medida, apaziguou as contradições marcantes da formação social-brasileira, alavancando programas de alívio da pobreza e desmobilizando importantes setores da classe trabalhadora.

No que toca ao discurso, porém, a relação de retroalimentação entre aquilo que é colocado na ordem do linguístico, do dizível, do discurso e a projeção e expressão das imagens discursivas via *ethos* do juiz Moro como a representação do homem bom se dá, entre outras formas, pela apresentação de si do juiz, feita por este sujeito e sobretudo pelas cenografias criadas nas narrativas midiáticas, diluídas para a compreensão do brasileiro de compreensão média das classes médias e altas, e também pelo anti-*ethos* a ser compreendido, no caso da potencialidade política presidencial, do antagonismo do que não é ser sério, não é de ser de boa índole, de boa moral,



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

algo que está representado no sujeito Lula, sempre como aquilo a não ser seguido ou ser apenas para aqueles que não têm mais nada. Em outras palavras, a adesão a Lula e seus representados somente se dá como aqueles que não têm mais nada.

#### **IV. (In) conclusões**

A partir deste artigo, no qual não se esgotam todas as possibilidades de análises e compreensões, podemos observar que a figura do "homem bom" na política brasileira, desde a sua origem colonial, trazida como arcabouço de colonização política e geográfica pelo Império português, é sempre um fator recorrente de ocupação do espaço político. Lá nos idos anos coloniais, esta figura era parte constitutiva da formação geral dos quadros administrativos-políticos-governamentais. Ou seja, a própria formação do Estado colonial e do patronato dependia do funcionamento e da funcionalidade desta personagem "homem bom". Embora exista um sempre-já-lá dos resquícios dos caracteres sociais desse sujeito homem bom, pronto para ser alçado à cena pública dos debates brasileiros, ele é trazido não para ser constitutivo e estruturante, mas para ocupar um vácuo de possibilidades conjunturais - o que explica a própria queda na aprovação de Moro - de formação ideológica e contradição político-social para a adesão de sujeitos.

Dessa forma, é possível que existam muitos homens bons sempre prontos a serem alçados a essa condição por aquilo que Planque (2011, 2012) chama de rumor público, constituído de um conjunto e de uma série de discursos que são formulados por diversos campos e espaços do próprio debate social e público, em que pesam os muitos detentores dos modos de produção simbólica e material do capital, sejam eles da informação, como, por exemplo, as corporações midiáticas, pesquisas de opinião etc., sejam eles das institucionalidades, tais como os formuladores da planificação econômica, os rentistas de capital e detentores dos lucros da dívida pública dos Estados, os partidos políticos, a própria maquinaria pública, como os poderes judicial e policial, entre outros modos de produção simbólica e material.

É também por isso que se faz necessário investir nas imagens discursivas desses sujeitos alçados à condição de homem bom, tanto em sua forma, como em sua função social. Lança-se o sujeito no vácuo político, como um balão de ensaio discursivo, aqui entendido como a construção



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

de um *ethos* discursivo na cenografia dos dizeres da enunciação do discurso, em um protagonismo social e político; cria-se, ademais, na mesma medida, o antagonista de homem bom, na figura do próprio anti-*ethos*, ou seja, aquilo tudo que um homem não pode nem deve ser, construindo-se a novelização e as narrativas infinitas a ser aceitas por grupos sociais como a melhor possibilidade da formação de um líder-herói político da nação.

## V. Bibliografia

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FAORO, R. *Os donos do Poder: a formação do patronato brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

KRIEG-PLANQUE, A. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. In: Revista *Linguagem* nº 16, São Carlos, SP, 2011: Disponível em:<[www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem)>. Acesso 15/09/2017.

\_\_\_\_\_. A fórmula “desenvolvimento sustentável” 1 : um operador de neutralização de conflitos. In: Revista *Linguagem* nº 19, São Carlos, SP, 2012: Disponível em:<[www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem)>. Acesso 15/09/2017.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1989

\_\_\_\_\_. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Cria edições, 2006.

\_\_\_\_\_. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola, 2014.

MÉSZÁROS, István. *A montanha que devemos conquistar: reflexões sobre o Estado*. São Paulo: Editorial Boitempo, 2015.



XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017  
3 - 8 Diciembre / Montevideo  
Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

OLIVEIRA, Renan Antunes de. Retrato do juiz Sérgio Moro quando jovem. Diário do Centro do Mundo. 16 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/retrato-do-juiz-sergio-moro-quando-jovem-por-renan-antunes-de-oliveira/>. Acesso em: 02 Set 2017.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

PINASSI, Maria Orlanda. O lulismo, os movimentos sociais no Brasil e o lugar social da política. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.25/26, p.105-120, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011. Disponível: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/maria-orlanda-pinassi.pdf>. Acesso em: 16 Set 2017.

POCHMANN, Marcio. *Nova classe média?: o trabalho na base da pirâmide social brasileira*. – São Paulo: Boitempo, 2012.

PRADOR JR., Caio. *A questão agrária no Brasil*. 2ª edição. – São Paulo: Brasiliense, 1979.

SCHWARTZMAN, Simon. Atualidade de Raymundo Faoro. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 207-213, 2003. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582003000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582003000200001&lng=en&nrm=iso)>. access on 17 Sept. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582003000200001>.